

INSTITUTO
Documentação
SOCIOAMBIENTAL
Fonte: DCU, 155, 51
Data: 12/08/04 Pg 30-3
Class: TMD00029

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO DO PRESIDENTE

Em 11 de agosto de 2004

Nº 72 - O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/5065/79, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo EDMUNDO ANTONIO PEGGION que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena TENHARIM MARMELOS (GLEBA B) de ocupação do grupo tribal Tenharim, localizada nos municípios de Humaitá e Manicoré, Estado do Amazonas.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Amazonas, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima seja afixada na sede das Prefeituras Municipais da situação do imóvel.

ROBERTO AURÉLIO LUSTOSA COSTA

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TENHARIM MARMELOS (GLEBA B)

Referência: Processo FUNAI/BSB/5065/79. Denominação: Terra Indígena Tenharim Marmelos (Gleba B) Localização: Municípios de Humaitá e Manicoré, Estado do Amazonas. Superfície: aproximada 473.961 ha (quatrocentos e setenta e três mil e novecentos e sessenta e um hectares). Perímetro: aproximado 419 Km (quatrocentos e dezenove quilômetros). Sociedade Indígena: Tenharim. População: 393 habitantes (2002). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 176/PRES, de 07 de março de 2002, coordenado pelo antropólogo Edmundo Antonio Peggion.

I PARTE - DADOS GERAIS - Este resumo refere-se aos estudos realizados para identificação e delimitação da Terra Indígena Tenharim Marmelos, localizada ao sul do estado do Amazonas. O trabalho de campo transcorreu entre os dias 13 de março e 17 de abril de 2002 e foi definido através da Portaria de nº 176 da Presidência da FUNAI, publicada no dia 05 de março no Diário Oficial da União.

Este relatório tenta espelhar o momento vivido pelos Tenharim, fazendo do registro etnográfico o produto que resultou na proposta de identificação e delimitação da Terra Indígena Tenharim Marmelos. Tal estudo analisou os limites anteriores, que não têm mais garantido a sobrevivência física e cultural dos Tenharim e que serão definidos doravante como Gleba A e estabeleceu como proposta um novo limite, doravante definido como Gleba B e após a demarcação, constituirão ambos a Terra Indígena Tenharim Marmelos.

Este estudo tem como objetivo adequar a Terra Indígena Marmelos a uma antiga reivindicação dos Tenharim. Após várias propostas de limites que se iniciaram em 1979, em 29/07/1992, através da Portaria 375/MJ/92 publicada no Diário Oficial da União foi declarada como de ocupação tradicional e de posse indígena, com a superfície aproximada de 488.550,0000 ha (quatrocentos e oitenta e oito mil e quinhentos e cinquenta hectares) e perímetro também aproximado de 370 Km (trezentos e setenta quilômetros). Em 05 de janeiro de 1996 foi homologada a demarcação administrativa promovida pela FUNAI. A Terra Indígena passou a ter a superfície de 497.521.7497 ha (quatrocentos e noventa e sete

mil, quinhentos e vinte e um hectares, setenta e quatro ares e noventa e sete centiares) e perímetro de 395.163,25 m (trezentos e noventa e cinco mil, cento e sessenta e três metros e vinte e cinco centímetros). Entretanto, desde o processo de demarcação os Tenharim questionaram os limites e iniciaram uma ampla reivindicação, que resultou neste estudo.

Tenharim é o nome pelo qual é conhecido o povo indígena que vive no cruzamento entre a rodovia Transamazônica e o rio Marmelos um afluente do rio Madeira, na região sul do estado do Amazonas. A língua falada por este povo é definida como Kagwahiva, um sub-grupo da família Tupi-Guarani.

Os Tenharim são parte de um conjunto de povos que falam a mesma língua, possuem uma série de características culturais comuns e vivem em duas grandes regiões contíguas: o médio e o alto rio Madeira. Os Tenharim são divididos em Tenharim do rio Marmelos/Transamazônica (referidos neste estudo), Tenharim do rio Sepoti e Tenharim do Igarapé Preto, todos vivendo no médio rio Madeira.

Os Tenharim, hoje, contam com uma população de 393 indivíduos divididos em seis aldeias localizadas à beira da BR-230, Transamazônica e rodovia do Estanho. Em 1994 eram 301 e possuíam um sistema político estabelecido através de cacique, vice-cacique e lideranças. Ao todo eram 11 indivíduos que respondiam pelo processo político da sociedade. Atualmente, com a fragmentação das aldeias, fragmentaram-se também os líderes e agora cada aldeia possui um cacique, um vice e alguns líderes.

Os Kagwahiva são referidos pela primeira vez em 1750, na região do curso superior do rio Jurueña, ao lado dos Apiaká. Esta região, até então desconhecida das frentes de expansão, passou a ser registrada como reino dos povos de língua geral, devido aos vários povos Tupi habitantes do local. Logo depois, esta área foi vasculhada pela frente mineradora que, desde Cuiabá avançava para o Norte à procura de novas minas de ouro, o que pode ter provocado o início do processo migratório Kagwahiva. Além disso, a guerra com os Munduruku também foi assinalada como causa do deslocamento dos Kagwahiva dessa região para as margens do rio Madeira. Entretanto, é difícil fazer qualquer afirmação mais categórica sobre este período, pois os condicionantes desta migração são muito mais complexos e se relacionam a uma dinâmica relação intertribal na região.

Na região do rio Madeira, a aproximação dos grupos Kagwahiva com a sociedade brasileira se deu após uma intensa guerra, que perdurou por cerca de 70 anos, entre meados do século XIX e a década de vinte do presente século. Esta guerra só terminou com a ação do SPI - Serviço de Proteção aos Índios e após a instalação definitiva de colocações de seringueiros na região. Curt Nimuendajú foi o principal agente dessa aproximação: contratado pelo SPI, organizou expedições e se fixou no interior do território indígena. Por falta de verbas do SPI, Nimuendajú abandonou seu projeto com apenas cinco meses, deixando em seu lugar vários auxiliares. Seguindo Nimuendajú, o território Parintintin (entenda-se Kagwahiva) na região do rio Madeira, estendia-se por cerca de 22.000 km², delimitados ao Norte e ao Oeste por esse rio; ao Sul pelo rio Machado e a Leste pelo rio Marmelos, com seu braço oriental o rio Branco.

Os Kagwahiva, conhecidos após 1817 sob o etnônimo de Parintintin, estavam distribuídos em pequenos grupos locais com território determinado e ocupando uma vasta região entre os rios Madeira e Tapajós. Viviam entre a aliança e o conflito, mas se reconheciam enquanto uma única sociedade. Cada um destes grupos locais, que provavelmente organizavam-se em torno de um grupo doméstico, possuía o nome de seu líder ou de sua localização (no caso rios, serras, etc.). O facionalismo é uma característica de tais povos e conseqüentemente as uniões eram instáveis e novos grupos estavam em constante formação.

Ao que parece, era desconhecida até então a diversidade de povos Kagwahiva nessa região: todos eram considerados Parintintin. Logo após os primeiros contatos com os Parintintin, os funcionários do SPI começaram a relatar o aparecimento de outros povos Kagwahiva na região. Na tentativa de atraí-los para contato, José Garcia de Freitas e outros auxiliares iniciam uma aproximação e relatam suas experiências em extensos relatórios. Garcia, como era conhecido na região nos dá extensos relatos de sua busca das chamadas "hordas desavindadas".

Nos anos 1940 mais ou menos, um regatão português chamado Delfim Bento da Silva estabeleceu contato com os Tenharim e transformou-se em patrão, intermediando a comercialização da produção indígena. Seringa, castanha-do-Brasil, sorva e balata eram trocados na cidade por Delfim, que trazia produtos manufaturados para os Tenharim. Este contato, embora tenha inserido os Tenharim no sistema regional de aviação e aquisição de bens, preservou enormemente os valores tradicionais do povo. O contato de impacto com a sociedade brasileira só veio a ocorrer no final de 1960 e início de 70, quando o Governo Militar abriu a rodovia BR-230, Transamazônica. Esta estrada cortou o território Tenharim ao meio e efetivou um contato que até então era intermitente.

Em 1977 foi instalada uma serraria dentro da terra dos Tenharim, que só foi retirada depois que um padre denunciou o fato e levou os Tenharim até a FUNAI de Porto Velho. A serraria foi removida do local e iniciou-se um processo de discussão para definir os limites territoriais para os Tenharim. O servidor da FUNAI Félix Parente de Brito apresentou a Apoena Meireles, então Delegado da 8a. DR, um Memorial Descritivo da Reserva Projetada Tenharim (Brito, 1979). Alguns anos depois, em 1984, Alceu Cotia Mariz realizou novo estudo no qual propunha uma terra contínua ligando os Tenharim do rio Marmelos (Ytyngyhu) aos Tenharim do Igarapé Preto (Yvytytyruhu). Mariz notou que existiam ocupantes no interior da Terra Indígena e que, de fato, a fazenda de Eduardo Catuzzo e os castanhais União e Arara eram parte da Terra Indígena Tenharim Marmelos. Tanto é que Eduardo Catuzzo lavra em cartório uma autorização para os Tenharim possam entrar em sua fazenda, reconhecendo a posse indígena. O conflito com os fazendeiros acirrou-se e, nesta mesma época Menéndez realizou novo estudo considerando duas áreas descontínuas - uma para os Tenharim do Igarapé Preto e outra para os Tenharim do rio Marmelos. Devido ao conflito existente entre INCRA e FUNAI e fazendeiros e índios no entroncamento da estrada do Estanho com a Transamazônica, Menéndez estabeleceu um

acordo, no qual os índios abriam mão dos Castanhais e das fazendas em troca de alguns benefícios. Entretanto, logo depois os fazendeiros alegaram não terem condições de pagar aos índios. Para evitar um conflito maior a FUNAI acaba concordando em pagar a indenização no lugar dos colonos (Menéndez, dez. 1985). Como solução alternativa, foi levada adiante a suposta renúncia dos Tenharim de parte de seu território tradicional, fartamente reconhecido por servidores, antropólogos e fazendeiros. Todos os relatórios realizados acerca dos limites territoriais Tenharim dão conta de que os locais do conflito são parte do território Tenharim. Entretanto, quando o Grupo Técnico chegou para a definição efetiva dos limites territoriais, incorporando a antiga reivindicação Tenharim, houve um recuo por parte dos índios, e um grande conflito interno que dificultou os trabalhos do GT. A diferença e disputa esteve voltada para a permanência ou não de Jorge Catuzzo, herdeiro de Eduardo Catuzzo no interior da Terra Indígena. Para que as atividades não fossem abandonadas, optou-se por dar continuidade aos trabalhos, estudando os locais em que havia consenso. O GT não realizou a inclusão destes locais por reconhecer que havia um conflito que poderia gerar uma cisão interna de graves conseqüências. Mas reconheceu publicamente que os locais referidos eram, efetivamente, terra tradicional Tenharim.

Uma das características fundamentais para se compreender a organização social Kagwahiva é a composição em torno de facções que disputam o poder e o prestígio político. Tal característica já havia sido notada na documentação histórica, que registrou a maneira como os Kagwahiva se relacionavam. Os grupos viviam em constantes ondas de conflitos e alianças que levavam, inclusive, ao surgimento de novas unidades a partir da fissão de um grupo. É possível observar esta característica nos Tenharim, onde novas aldeias estão em permanente formação, espalhadas pelo território demarcado. Se por um lado isto faz com haja uma permanente fiscalização dos limites, por outro pode gerar um afastamento do pólo catalisador, no caso a FUNAI, que atualmente localiza-se em uma única aldeia. É perceptível a insatisfação dos atuais líderes, que querem postos indígenas localizados em todas as aldeias.

Assim, quando pensamos no processo de identificação, devemos necessariamente pensar que a ocupação progressiva do território é inerente aos Tenharim e deve ser colocada no horizonte de uma proposta adequada. Além disso, cada novo local fundado, tal como uma aldeia, nas proximidades de um conjunto de recursos naturais, leva à constituição de um certo tipo de relação com um líder e, com o passar do tempo, com sua descendência. Essa descendência poderá permanecer no mesmo local ou partir, fundando novas aldeias e ampliando a ocupação do território.

II PARTE - HABITAÇÃO PERMANENTE - A Gleba B, terra ora em identificação ainda não possui aldeias definitivas, mas locais de ocupação sazonal para longos períodos de caça, pesca e coleta de castanha. Tal fato justifica-se pela incerteza com relação às garantias territoriais até então. Atualmente há uma discussão sobre os melhores locais para novas aldeias que permitam boas moradias sem, contudo, afugentar a rica fauna do entorno. As aldeias existentes, de onde os Tenharim partem para grandes caçadas localizam-se na Gleba A, na Terra Indígena já demarcada.

Na gleba B, em identificação, existem muitos locais de ocupação sazonal, principalmente no entorno dos Lagos Ypiavuhu e Pode Sê. Além disso, quando desejam visitar os parentes Tenharim do rio Sepoti, partem por uma longa viagem pelo rio Marmelos que chega a durar seis dias.

Os Tenharim contam hoje com seis aldeias distribuídas ao longo da BR-230. Em 1994 era apenas uma aldeia dividida em três segmentos. Com o passar dos anos, o grupo fragmentou-se e constituiu novos locais de moradia. Entretanto, tal ocupação do território não ocorreu de maneira aleatória, mas obedeceu a um princípio básico da organização social Kagwahiva.

O território Tenharim possui algumas divisões, principalmente em se tratando dos recursos naturais - castanhais, seringaais. Um castanhal pode ter um "dono", que é o líder de um grupo doméstico que o explora. Estes "lugares" (dessa forma referidos), são ocupados pelo grupo doméstico, que passa uma parte do ano habitando-os. Da mesma maneira ocorre com as aldeias. Quando um grupo funda uma nova aldeia, esta aldeia passa a ser considerada como pertencente ao líder que a fundou. Assim, há uma junção do tempo e do espaço, na medida em que os registros da memória localizam geograficamente os acontecimentos. Em tempos recentes, nenhuma das aldeias foi fundada em qualquer lugar, mas naquele pertencente aos ancestrais do líder do grupo doméstico que tomou a iniciativa que se mudar para lá.

O expansionismo Tenharim obedece a uma lógica de reocupação do território tradicional, levando o grupo a uma expansão não aleatória. Conforme dito acima, em 1994 os Tenharim viviam em uma única aldeia. Em tempos recentes ocorreu uma fragmentação de grupos domésticos, que ocuparam vários locais, constituindo novas aldeias, com novos caciques, vices e lideranças. Seguindo a Transamazônica, no sentido Humaitá-Apuí, nós temos as seguintes aldeias: Vila Nova; Ytyngyhu (Marmelos I, II e III); Bela Vista; Campinhuhu; Mafuí e Karanaí (na rodovia do Estanho). Cada uma delas possui seu próprio sistema de funcionamento e estabelece com as outras relações de aliança que definem a articulação política e as disputas internas. Algumas são grandes aglomerados, outras são constituídas por apenas um grupo doméstico e umas delas - Karanaí - possui apenas duas famílias e ainda está sendo aberta a mata. Algumas aldeias possuem banheiros, geradores e água encanada, que chega nas proximidades das casas. As únicas aldeias desprovidas de abastecimento são Bela Vista, Karanaí e Vila Nova. Todas as aldeias possuem uma conformação bastante semelhante, com casas formando pequenas ruas, algumas vezes em filas duplas. Em geral existem fornos de farinha comunitários, escolas, farmácias e, mais recentemente, casa de trânsito, para hospedar visitantes. Tal fenômeno deve-se à participação recente da população no movimento indígena e à presença do Estado na região, seja através de projetos de educação ou no atendimento à saúde.

III PARTE - ATIVIDADES PRODUTIVAS - Os Tenharim possuem atividades econômicas diversificadas e que se baseiam no calendário ecológico na região. Durante o trabalho de identificação da Terra Indígena, os grupos domésticos estavam em fase final da coleta da castanha e

se preparavam para inseri-la no mercado regional. Simultaneamente, havia a produção de farinha, a caça e a pesca para consumo local.

Num ciclo de atividades anuais, os Tenharim vivem da caça, da pesca, da coleta e da agricultura. O ponto nevrálgico deste ciclo de atividades é a festa Mboatawa, que ocorre entre os meses de julho e agosto e é considerada fundamental para a cultura Kagwahiva. Pode-se dizer que, em tempos recentes a venda da castanha no mercado regional e a produção de artesanato para comercialização têm ganhado espaço significativo nas atividades econômicas Tenharim. Esporadicamente outros produtos entram no ciclo de interesse regional e são comercializados pelos Tenharim como os óleos de copaíba e de andiroba e a seringa.

Os Tenharim são, por excelência, caçadores. O bom caçador carrega consigo o prestígio de ser um provedor da comunidade. Nestes casos, o indivíduo é respeitado e pode, em muitos casos, possuir mais de uma esposa. Quando da realização da festa Mboatawa é o mais requisitado para participar da expedição, pois sua participação é garantia de fatura.

Em tempos recentes, segundo os Tenharim, a quantidade de animais caçados no entorno das aldeias têm diminuído, havendo a necessidade de partir para locais mais distantes, localizados na Gleba B, especialmente abaixo da cachoeira Pariká. A caçada na região dos Lagos Ypiavuhu e Pode Sê é geralmente associada à pesca e pode durar de duas semanas a um mês. Os animais e peixes mortos são moqueados ou salgados para durar até o retorno à aldeia. Pelo fato de ser uma região rica em fauna, os Tenharim têm discutido lugares discretos para a constituição de novas aldeias.

A pesca também tem importância fundamental para os Kagwahiva. Diferentemente da caça, atividade masculina, a pesca pode ser realizada por todos, homens, mulheres e crianças. É muito comum, na vida cotidiana, encontrar crianças na beira do rio pescando e qualquer viagem familiar pelo rio envolve, necessariamente, uma parada para pescarias.

Abaixo da cachoeira Pariká, dizem os Tenharim, a riqueza da fauna aquática é imensamente maior do que acima. Segundo eles, os grandes peixes não conseguem ultrapassar a cachoeira, que funcionaria como uma barreira natural.

Um fator a se considerar é a incidência populacional que há cachoeira acima, levando à redução da piscosidade e estimulando as referidas expedições aos lagos Ypiavuhu e Pode Sê. Fato é que, cada vez mais os Tenharim têm ocupado a área abaixo da cachoeira Pariká para a realização de atividades econômicas. Assim, os limites propostos neste estudo têm como objetivo a garantia de um trecho de terra que é de ocupação tradicional e que vem sendo, gradativamente reocupado. Ao mesmo tempo a intenção é evitar conflitos maiores, uma vez que pescadores profissionais e a chamada "pesca turística" acessa o rio Marmelos através do rio Branco, gerando animosidade de parte a parte.

Durante a estada do GT em campo estava em processo de finalização a coleta da castanha, que estocada na aldeia esperava um melhor preço para comercialização em Humaitá e Porto Velho. Além da castanha, há muitas atividades de coleta no decorrer do ano. Entretanto alguns produtos tiveram a procura reduzida, deixando de ser interessante como atividade econômica para os Tenharim.

Em tempos recentes, sem a proposta de revisão territorial, já não existiam mais castanhais a serem distribuídos para os novos líderes de grupos domésticos. Durante o litígio com relação aos limites da terra indígena na década de 1980, um castanhal foi um dos pontos da discordância.

Os Tenharim são considerados caçadores agricultores e também assim se consideram. As roças ocupam grande parte do tempo e das atividades econômicas e têm como produto principal a mandioca (Manihot utilíssima) para a produção de farinha. Além da mandioca, cultivam também milho, cará, macaxeira, melancia, banana, algodão, caju, goiaba, dentre outros produtos. Uma roça pode conter todas as cultivares acima referida e chega a medir, segundo Pezzuti (2002), entre 0,31 e 2,7 hectares.

A atividade agrícola marca o calendário ritual Tenharim, que se pauta em duas grandes festas, que ocorrem durante o período de um ano. A primeira delas é a Mboatawa, que se inicia entre julho e agosto, com a derrubada e a queimada da mata para o início do roçado e a segunda chamada de Festa do Milho, entre outubro e novembro, quando está para começar o plantio (Menéndez, 1989:126).

A economia entre os Tenharim é fortemente relacionada à organização social e é articuladora dos grupos domésticos constitutivos da sociabilidade Kagwahiva. Muito embora muitas transformações ocorram no sistema econômico dos Tenharim, é visível a permanência de uma estrutura que articula a sociabilidade deste povo. Sem compreender o modelo da organização social é praticamente impossível compreender a economia, que não se pauta simplesmente em atividades de subsistência, mas que articula toda a rede de relações que constituem a sociedade.

IV PARTE - MEIO AMBIENTE - A base da organização social e econômica Tenharim é o Grupo Doméstico. É a partir dele que se fazem os arranjos do trabalho, da política, dentre outros assuntos. Um fato particular a estes grupos domésticos é desenvolverem suas atividades econômicas em lugares considerados "propriedades" de algum homem sênior, no caso um sogro, que atua em conjunto com sua esposa, seus genros, filhas e filhos solteiros.

Em geral estas propriedades são locais de antigas aldeias ou algum tipo de recurso natural, principalmente castanhal. Assim, um castanhal pode ser propriedade de um sênior, que anualmente passa parte do chamado inverno quebrando castanhas junto com seu grupo doméstico.

Acontece que o povo Tenharim tem aumentado e, cada vez mais, estes recursos naturais têm se tornado escassos na distribuição política e econômica. Além disso, a área proposta neste relatório, além de ser território tradicional Kagwahiva, já vinha sendo utilizada pelos Tenharim como reserva de caça e pesca. Dessa maneira, haverá mais segurança para a realização de longas viagens e permanências pelo rio Marmelos.

Durante as discussões, muitas falas, principalmente de homens mais velhos, tratavam de prováveis locais de constituição de novas moradias na Gleba B. A intenção era não ofender o ambiente com grandes

aldeias. Os Tenharim consideram a região abaixo da cachoeira Pariká um local de reprodução animal e preocupam-se em mantê-la assim.

Devido à articulação entre relações políticas, sociais e econômicas a aquisição de novos castanhais é fundamental para que os Tenharim possam solucionar seus atuais impasses. Além disso, o local pretendido e apresentado neste estudo compreende dois lagos chamados de Lago Ypyvuhú e Pode sê, que são determinantes para a vida ritual do grupo. Um outro fator importante é que haverá, a partir de agora, uma conexão direta entre a Terra Indígena Tenharim Marmelos e a Terra Indígena Tenharim do rio Sepoti. Como se sabe os Tenharim do Sepoti originaram-se a partir dos Tenharim do rio Marmelos e ainda hoje possuem estreitas relações entre si.

Nestes sentidos, a presente proposta de limites é plenamente justificável não somente por ser terra tradicional Tenharim, mas também por tentar garantir a integridade da bacia hidrográfica do rio Marmelos, num momento crítico de ocupação desenfreada na região. Além disso, a ligação do conjunto de terras indígenas na região (Tenharim do rio Marmelos, Tenharim do rio Sepoti, Jiahui, Mura-Pirahã e Parintintin) pode proporcionar, uma melhor preservação de limites e, num futuro próximo, atividades de fiscalização e vigilância em conjunto.

V PARTE - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL - A denominação Tenharim é nova na documentação histórica acerca das populações indígenas na região do rio Madeira. Além disso, não é uma autodenominação e foi assumida em tempos recentes.

A forma como os Tenharim referem-se a si próprios é Kagwahiva, que significa algo como "a gente", "nós". A maneira como estes povos diferenciavam-se uns dos outros em tempo anterior ao contato era pelo nome de um líder, que conduzia o grupo pela vida afora. Estes grupos, geralmente pequenos conjuntos que congregavam até dois grupos domésticos possuíam entre si relações que oscilavam da aliança ao conflito. A determinação da relação entre grupos era dada, fundamentalmente, pelo casamento, que criava um vínculo entre indivíduos que casavam seus filhos e, conseqüentemente, permaneciam aliados. Este é um sistema forte que ainda vigora entre os Tenharim.

Atualmente a população Tenharim é de 393 indivíduos. O levantamento populacional dos Tenharim foi realizado em diferentes épocas, o que permite realizar algumas comparações. Os dados de que dispomos são da FUNAI, em um censo de 1979 (Brito, 1979), que contabiliza 151 indivíduos; de Menéndez (1989), realizado em 1984 com 175 indivíduos; e de Peggion (1996), realizado em 1994 e que conta 301 indivíduos.

O censo de 2002 aponta para um crescimento da população. Um fato notável a se observar é que ocorreram poucos nascimentos no período em que o servidor Félix Brito chegou junto aos Tenharim, no final dos anos 1970. Realmente a situação naquele momento era crítica, como atestam tanto seu relatório (Brito, 1979) quanto a reportagem feita pelo jornal O Estado de São Paulo.

A região reivindicada pelos Tenharim possui muito sentido também da perspectiva cosmológica. Mbahira um herói cultural que ocupa posição central na mitologia Kagwahiva, sendo responsável pela aquisição de utensílios culturais e pelo fogo tem relação direta com a terra reivindicada. Mbahira deixou o mundo Tenharim e foi viver no interior das pedras, sendo dificilmente encontrado. Por outro lado, seus vestígios são muitos e atestam a importância do território em processo de identificação.

Para a abertura das roças, antes do contato e da aquisição de ferramentas e utensílios, os Tenharim utilizavam machados de pedras. Entretanto, estes machados de pedras não eram feitos pelos Tenharim. Os machados eram achados nas proximidades das aldeias e eram apenas encabados pelos Tenharim. Os machados eram/são feitos por Mbahira, e são conhecidos como Mbahira-Iagwera. A reutilização dos mesmos pelos Tenharim faz com que haja um rearranjo dos vestígios materiais na região, tornando mais complexa e interessante a pesquisa arqueológica. Toda capoeira, roçado velho ou aldeia abandonada são encontrados machados de pedras, cacos de cerâmica, etc., que foram utilizados pelos Tenharim. Assim, o registro de uma aldeia velha conjuga necessariamente um cemitério, uma capoeira, vestígios arqueológicos de antigas ocupações.

Esta área ao norte segue a trajetória montante-justante do rio Marmelos. Já há algum tempo os Tenharim vêm ocupando parte desta região e em diversos momentos quase entraram em conflito com pescadores que adentram no rio Marmelos através do rio Branco, um afluente. Como parte deste afluente estava fora da terra indígena, os pescadores desciam por ele até encontrar o rio Marmelos.

Esta região possui cachoeiras e grandes lagos extremamente piscosos. Além disso, há uma grande riqueza de fauna, permitindo grandes caçadas e pescarias em diversos períodos do ano. É para lá que se deslocam os Tenharim entre os meses de julho a agosto. A festa tradicional que ocorre nesta data congrega todas as atividades econômicas dos Kagwahiva e é o ponto focal da organização social tradicional. Desde muito tempo a caça e a pesca (não somente ritual) têm sido realizadas na região norte, abaixo da cachoeira Pariká. Este estudo pretende apenas regularizar uma situação para que, no futuro, o território tradicional Tenharim esteja garantido.

VI PARTE - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO - Conforme vimos no decorrer deste relatório, não há, no local pretendido pelos Tenharim, ocupação de qualquer natureza por não índios. Há locais de ocupação sazonal para retiradas de produtos como castanha, mas não existem benfeitorias ou registros de títulos em cartório.

Durante os estudos de identificação, o GT realizou longo percurso de barco com paradas em diversos locais, registrando pontos com o GPS e observando eventuais benfeitorias. Após os trabalhos em campo, o Grupo Técnico realizou o Levantamento Fundiário nos Cartórios de Humaitá e de Manicoré não encontrando qualquer registro de títulos de propriedade. Em solicitação ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, o Executor da Unidade Avançada de Humaitá (que abrange também parte do município de Manicoré) informou não constar nenhum título expedido pelo órgão na região referida. Entretanto informou verbalmente que entre o Igarapé Mafui e o Igarapé Mafuizinho há um título expedido pelo Estado do Amazonas, em nome de José Gentio Mon-

teiro da Costa (espólio), com uma área de 9.133,1295 ha. Aparentemente a propriedade não possui qualquer benfeitoria ou utilização efetiva nos últimos anos. Nem mesmo os Tenharim, que viajam sistematicamente para a região, sabiam que havia um suposto proprietário no local. Devido à ausência de uma representante da SUHAB, o órgão fundiário do Estado do Amazonas, no GT, o representante da parte fundiária da FUNAI que acompanhou os trabalhos prontificou-se a solicitar as devidas informações. Até o momento não obteve resposta.

VII PARTE - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO - Este estudo tentou caracterizar a Terra Indígena Tenharim Marmelos com base numa ampla reflexão que têm como referência preceitos básicos da antropologia social e o parágrafo primeiro do artigo 231 da Constituição Federal.

Embora houvesse um limite homologado para os Tenharim, que foi definido neste relatório como Gleba A, houve a necessidade de revisão do território para a inclusão de novos limites, que também são território tradicional. Estes novos limites, considerados como Gleba B, são determinantes para que a sociedade Tenharim possa se reproduzir física e culturalmente. A Gleba A já não garante efetivamente todas as necessidades dos Tenharim. Cada vez mais o grupo tem caçado e pescado na região norte, na gleba B, o que, inclusive, pode levar a conflito com invasores. Após a demarcação da gleba B será possível pensar na Terra Indígena como adequada aos Tenharim. Os limites aqui propostos poderão garantir desde a proteção dos mananciais e formadores do rio Marmelos de onde os Tenharim retiram seus principais recursos (Gleba A), bem como a região abaixo da cachoeira Pariká, local rico em fauna que é cada vez mais utilizado para a caça e a pesca cotidiana e para o ritual Mboatawa (Gleba B).

Nos anos 1970, os Tenharim viviam entre a aldeia Nhandevuhú e o Campinhuhú, a primeira ao sul e a segunda ao norte do atual traçado da Transamazônica. Apesar disso, toda a região era de ocupação tradicional, o que levou a Funai a pensar uma alternativa para o povo. Nessa época os Tenharim viviam uma situação bastante difícil, tendo, inclusive, sido alvo de uma reportagem no jornal O Estado de São Paulo.

Conforme vimos, após uma série de discussões e conflitos com regionais, novos ocupantes das margens da estrada, em 1984 chegou-se a uma proposta de identificação para a Terra Indígena Tenharim Marmelos. Entretanto, devido a uma certa confusão, quando a empresa demarcava o local abrindo as picadas, os Tenharim questionaram a proposta. Mesmo assim, os trabalhos foram levados adiante, deixando em aberto uma inquietação dos Tenharim.

A avaliação aqui tomada como referência diz respeito às prováveis necessidades dos Tenharim a médio e longo prazo e, neste sentido, respeita fundamentalmente a Constituição Federal que em seu Art. 231 reconhece "aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las proteger e fazer respeitar todos os seus bens."

Tomando como objeto a gleba B, abaixo da cachoeira Pariká até os limites da Terra Indígena Tenharim do rio Sepoti, pode-se dizer que, além de ser uma terra de ocupação tradicional, em tempos recentes as necessidades mais imediatas dos Tenharim tem ganhado um caráter expansivo. Fator característico da organização social, o faccionalismo tem estimulado o surgimento de novas aldeias, com novos grupos domésticos.

Como vimos no decorrer deste relatório, para que um grupo doméstico seja viável e tenha condições de se manter, é importante que haja um conjunto de recursos naturais que são repassados para as futuras gerações. Conforme um grupo doméstico consiga se estabelecer e ganhar força política, deve ter condições de convidar os outros parentes para participar do ritual anual Mboatawa, congregando todo o grupo Tenharim e viabilizando uma relação estável do conjunto do povo.

Há cerca de dez anos um grande contingente de pescadores atravessa a aldeia Tenharim pela Transamazônica (com grandes carros e barcos em reboques) e descem o rio Branco até sua foz no rio Marmelos. Por lá chegam a passar mais de uma semana caçando e pescando intensivamente. Neste sentido, de um lado temos uma forte pressão não indígena e predatória e de outro temos as reais necessidades do povo Tenharim, que precisam garantir suas terras para poder sobreviver dignamente como povo indígena. Os limites atuais - a gleba A -, já não estão mais garantindo uma vida estável aos Tenharim. Do ponto de vista ambiental, a região da cabeceira do rio Marmelos é formada por grandes campos e, devido ao crescimento da população, já estão caminhando para o esgotamento dos recursos naturais. Não existem mais castanhais a serem explorados e, por outro lado, o número de grupos domésticos está crescendo. Disto pode resultar um colapso da sociabilidade Tenharim, levando o povo indígena a uma exploração de terras fora do território delimitado. Com a revisão dos limites atuais e a incorporação da Gleba B, novas ocupações serão realizadas, com a tranqüilidade de se poder estabelecer habitações permanentes em locais que, até então, eram considerados indefinidos do ponto de vista jurídico.

EDMUNDO ANTONIO PEGGION
 Antropólogo Consultor

MEMORIAL DESCRITIVO - DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

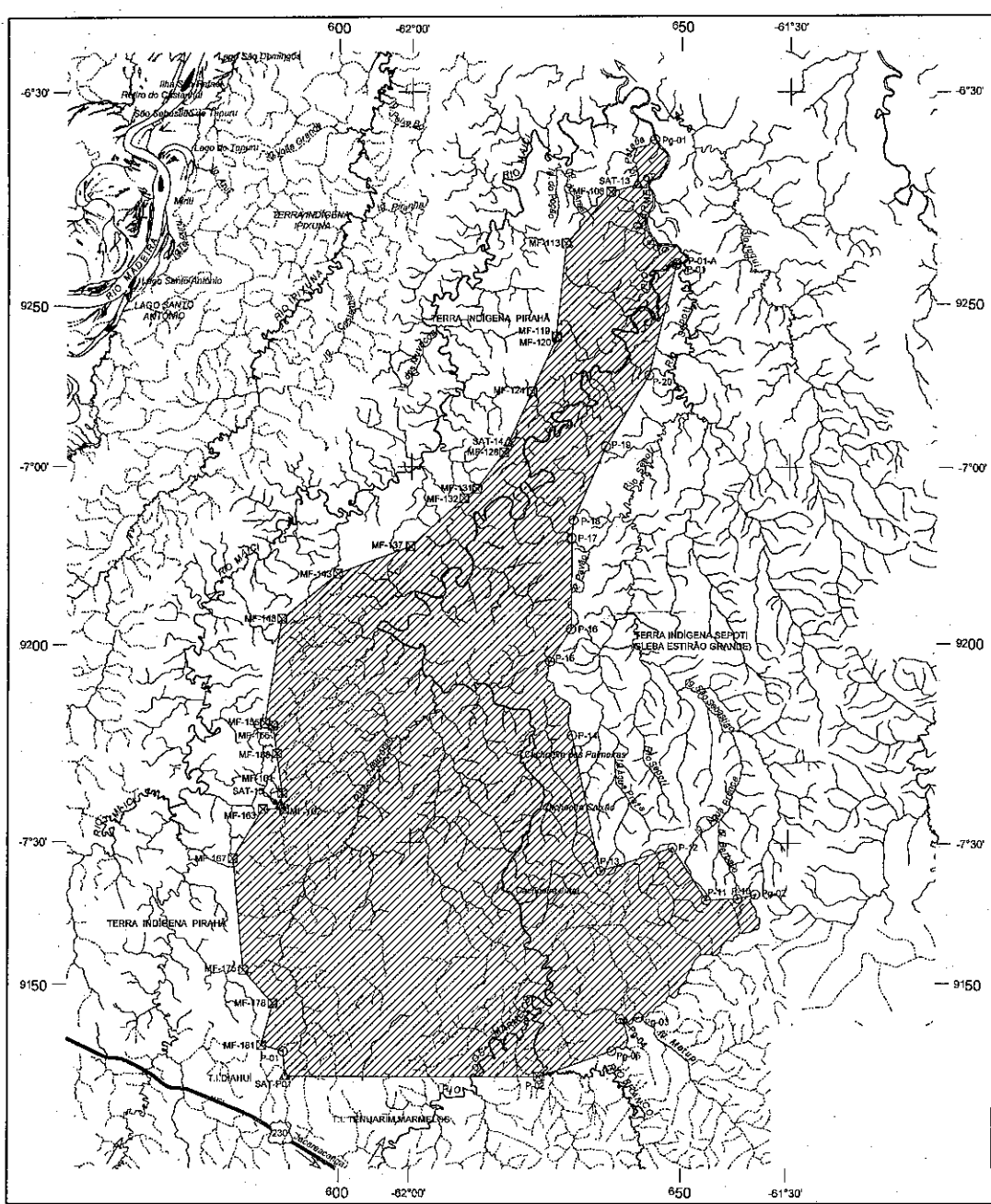
NORTE: partindo do Marco SAT-13, de coordenadas geográficas 06°37'25,035" S e 61°42'09,919 WGR., situado na cabeceira do Igarapé Patauá, segue pelo referido Igarapé, a jusante, até o Ponto Pg-01, de coordenadas geográficas aproximadas 06°33'47" S e 61°40'46" WGR., situado na confluência do referido Igarapé com o Rio Marmelos; daí, segue pela margem esquerda do referido rio, a montante, até o Ponto P-01-A, de coordenadas geográficas aproximadas 06°43'40" S e 61°39'01" WGR., situado na sua margem esquerda; **LESTE:** do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, até o Ponto P-01, de coordenadas geográficas aproximadas 06°43'49" S e 61°39'04" WGR., si-

tuado na margem direita do Rio Marmelos; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-20, de coordenadas geográficas aproximadas 06°52'39" S e 61°41'12" WGr., situado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-19, de coordenadas geográficas aproximadas 06°58'22" S e 61°44'35" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-18, de coordenadas geográficas aproximadas 07°04'15" S e 61°47'08" WGr., situado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-17, de coordenadas geográficas aproximadas 07°05'40" S e 61°47'17" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-16, de coordenadas geográficas aproximadas 07°12'59" S e 61°47'15" WGr., situado na cabeceira do Igarapé Pavão; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-15, de coordenadas geográficas aproximadas 07°15'35" S e 61°48'56" WGr., localizado na confluência de dois igarapés sem denominação; daí, segue pela margem esquerda do igarapé sem denominação, a montante, até o Ponto P-14, de coordenadas geográficas aproximadas 07°21'27" S e 61°47'09" WGr., situado na cabeceira do referido igarapé, afluente da margem direita do Igarapé Água Preta; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-13, de coordenadas geográficas aproximadas 07°32'17" S e 61°44'51" WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Água Preta; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-12, de coordenadas geográficas aproximadas 07°30'24" S e 61°39'07" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-11, de coordenadas geográficas aproximadas 07°34'35" S e 61°36'26" WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Água Branca; daí, segue por uma linha reta, até o Ponto P-10, de coordenadas geográficas aproximadas 07°34'29" S e 61°33'56" WGr., localizado na cabeceira do Igarapé Barbaço (Do Ponto P-01 ao Ponto P-10, confronta-se com a Terra Indígena Sepoti, que encontra-se em fase final de Demarcação); daí, segue por uma linha reta, até o Ponto Pg-02, de coordenadas geográficas aproximadas 07°34'08" S e 61°32'33" WGr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue pelo referido igarapé, a jusante, até o Ponto Pg-03, de coordenadas geográficas aproximadas 07°43'58" S e 61°41'36" WGr., localizado na confluência do referido igarapé com o Igarapé Matupi; daí, segue pelo Igarapé Matupi, a jusante, até o Ponto Pg-04, de coordenadas geográficas aproximadas 07°44'05" S e 61°43'14" WGr., localizado na confluência do referido igarapé com um igarapé sem denominação; daí, segue pelo referido igarapé, a montante, até o Ponto Pg-05, de coordenadas geográficas aproximadas 07°46'38" S e 61°43'53" WGr., localizado na cabeceira do referido igarapé; daí, segue por uma linha reta, até o Marco P-02, de coordenadas geográficas 07°48'41,459" S e 61°49'42,068" WGr. SUL: do marco antes descrito, segue por uma linha reta, até o Marco M17N, de coordenadas geográficas 07°48'41,480" S e 61°51'18,414" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M16N, de coordenadas geográficas 07°48'41,486" S e 61°52'24,777" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M15N, de coordenadas geográficas 07°48'41,486" S e 61°52'23,053" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M14N, de coordenadas geográficas 07°48'41,481" S e 61°54'35,477" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M13N, de coordenadas geográficas 07°48'41,471" S e 61°55'43,919" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M12N, de coordenadas geográficas 07°48'41,464" S e 61°56'41,775" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M11N, de coordenadas geográficas 07°48'41,460" S e 61°57'56,772" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M10N, de coordenadas geográficas 07°48'41,459" S e 61°58'54,157" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M09N, de coordenadas geográficas 07°48'41,462" S e 62°00'05,690" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M08N, de coordenadas geográficas 07°48'41,469" S e 62°01'05,500" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M07N, de coordenadas geográficas 07°48'41,480" S e 62°02'10,887" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M06N, de coordenadas geográficas 07°48'41,537" S e 62°03'12,722" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M05N, de coordenadas geográficas 07°48'41,602" S e 62°04'23,128" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M04N, de coordenadas geográficas 07°48'41,660" S e 62°05'27,142" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M03N, de coordenadas geográficas 07°48'41,723" S e 62°06'37,835" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M02N, de coordenadas geográficas 07°48'41,775" S e 62°07'40,262" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco M01N, de coordenadas geográficas 07°48'41,829" S e 62°08'47,351" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco SAT-P01, de coordenadas geográficas 07°48'41,879" S e 62°09'49,688" WGr. (Do Marco P-02 ao Marco SAT-P01, confronta-se com a Terra Indígena Tenharim Marmelos, que encontra-se demarcada). OESTE: do marco antes descrito, segue por uma linha reta, até o Ponto P-01, de coordenadas geográficas aproximadas 07°46'37" S e 62°10'00" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-181, de coordenadas geográficas 07°46'11,823" S e 62°11'42,678" WGr. (Do Marco SAT-P01 ao Marco MF-181, confronta-se com a Terra Indígena Diahúti, que encontra-se em fase de Demarcação); daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-180, de coordenadas geográficas 07°45'03,137" S e 62°11'24,418" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-179, de coordenadas geográficas 07°44'12,716" S e 62°11'11,022" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-178, de coordenadas geográficas 07°42'51,966" S e 62°10'49,570" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-177, de coordenadas geográficas 07°41'58,415" S e 62°11'37,321" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-176, de coordenadas geográficas 07°41'13,669" S e 62°12'17,216" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-175, de coordenadas geográficas 07°40'13,838" S e 62°13'10,543" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-174, de coordenadas geográficas 07°39'09,821" S e 62°13'16,593" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-173, de coordenadas geográficas 07°37'58,344" S e 62°13'23,359" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-172, de coordenadas geográficas 07°37'00,596" S e 62°13'28,826" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-171, de coordenadas geográficas 07°35'45,986" S e 62°13'35,893"

WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-170, de coordenadas geográficas 07°34'44,263" S e 62°13'41,742" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-169, de coordenadas geográficas 07°33'40,250" S e 62°13'47,811" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-168, de coordenadas geográficas 07°32'27,481" S e 62°13'54,716" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-167, de coordenadas geográficas 07°31'18,328" S e 62°14'01,279" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-166, de coordenadas geográficas 07°30'17,446" S e 62°13'24,700" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-165, de coordenadas geográficas 07°29'24,203" S e 62°12'52,714" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-164, de coordenadas geográficas 07°28'26,572" S e 62°12'18,104" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-163, de coordenadas geográficas 07°27'22,977" S e 62°11'39,914" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-162, de coordenadas geográficas 07°27'21,605" S e 62°10'00,418" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco SAT-15, de coordenadas geográficas 07°27'04,819" S e 62°10'15,472" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-161, de coordenadas geográficas 07°26'07,560" S e 62°10'18,167" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-160, de coordenadas geográficas 07°25'01,803" S e 62°10'17,336" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-159, de coordenadas geográficas 07°24'02,685" S e 62°10'25,583" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-158, de coordenadas geográficas 07°22'57,074" S e 62°10'34,741" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-157, de coordenadas geográficas 07°21'49,121" S e 62°10'44,232" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-156, de coordenadas geográficas 07°20'44,667" S e 62°10'53,236" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-155, de coordenadas geográficas 07°20'29,020" S e 62°11'30,642" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-154, de coordenadas geográficas 07°18'59,894" S e 62°11'16,679" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-153, de coordenadas geográficas 07°17'53,055" S e 62°11'06,210" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-152, de coordenadas geográficas 07°16'55,156" S e 62°10'56,673" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-151, de coordenadas geográficas 07°15'42,529" S e 62°10'45,768" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-150, de coordenadas geográficas 07°14'31,744" S e 62°10'34,680" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-149, de coordenadas geográficas 07°13'26,470" S e 62°10'24,456" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-148, de coordenadas geográficas 07°12'10,600" S e 62°10'12,575" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-147, de coordenadas geográficas 07°11'20,395" S e 62°09'11,406" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-146, de coordenadas geográficas 07°10'32,800" S e 62°08'13,423" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-145, de coordenadas geográficas 07°09'53,048" S e 62°07'24,996" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-144, de coordenadas geográficas 07°09'11,659" S e 62°06'34,574" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-143, de coordenadas geográficas 07°08'33,193" S e 62°05'47,716" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-142, de coordenadas geográficas 07°08'17,735" S e 62°05'07,130" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-141, de coordenadas geográficas 07°07'58,293" S e 62°04'16,091" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-140, de coordenadas geográficas 07°07'33,898" S e 62°03'12,047" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-139, de coordenadas geográficas 07°07'09,504" S e 62°02'08,016" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-138, de coordenadas geográficas 07°06'45,218" S e 62°01'04,276" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-137, de coordenadas geográficas 07°06'21,771" S e 62°00'02,757" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-136, de coordenadas geográficas 07°05'33,206" S e 61°59'09,568" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-135, de coordenadas geográficas 07°04'48,292" S e 61°58'20,382" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-134, de coordenadas geográficas 07°04'00,132" S e 61°55'27,655" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-133, de coordenadas geográficas 07°03'17,968" S e 61°56'41,498" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-132, de coordenadas geográficas 07°02'30,231" S e 61°55'49,250" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-131, de coordenadas geográficas 07°01'45,420" S e 61°54'47,896" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-130, de coordenadas geográficas 07°00'45,813" S e 61°54'03,750" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-129, de coordenadas geográficas 06°59'49,824" S e 61°53'22,280" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-128, de coordenadas geográficas 06°58'50,915" S e 61°52'38,655" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco SAT-14, de coordenadas geográficas 06°58'05,143" S e 61°52'18,217" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-127, de coordenadas geográficas 06°57'12,940" S e 61°51'54,895" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-126, de coordenadas geográficas 06°56'03,263" S e 61°51'23,776" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-125, de coordenadas geográficas 06°54'54,334" S e 61°50'53,011" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-124, de coordenadas geográficas 06°53'58,539" S e 61°50'28,108" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-123, de coordenadas geográficas 06°52'54,304" S e 61°49'59,440" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-122, de coordenadas geográficas 06°51'49,314" S e 61°49'30,424" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-121, de coordenadas geográficas 06°50'41,444" S e 61°49'00,125" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-120, de coordenadas geográficas 06°49'34,936" S e 61°48'30,441" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-119, de coordenadas geográficas 06°49'30,642" S e 61°48'33,997" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-118, de coordenadas geográficas 06°48'14,810" S e 61°48'25,901" WGr.; daí, segue por uma

linha reta, até o Marco MF-117, de coordenadas geográficas 06°46'58,637" S e 61°48'17,771" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-116, de coordenadas geográficas 06°45'48,400" S e 61°48'10,274" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-115, de coordenadas geográficas 06°44'37,038" S e 61°48'02,654" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-114, de coordenadas geográficas 06°43'29,416" S e 61°47'55,435" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-113, de coordenadas geográficas 06°42'05,549" S e 61°47'46,485" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-112, de coordenadas geográficas 06°41'27,181" S e 61°47'13,361" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-111, de coordenadas geográficas 06°40'30,043" S e 61°46'24,035" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-110, de coordenadas geográficas 06°39'38,977" S e 61°45'39,951" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-109, de co-

ordenadas geográficas 06°38'50,279" S e 61°44'57,912" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-108, de coordenadas geográficas 06°37'59,140" S e 61°44'13,770" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco MF-107, de coordenadas geográficas 06°37'43,116" S e 61°43'15,578" WGr.; daí, segue por uma linha reta, até o Marco SAT-13, início da descrição deste perímetro (Do Marco MF-181 ao Ponto Pg-01, confronta-se com a Terra Indígena Pirahã, que encontra-se demarcada). OBS: 1- Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: SB.20-Z-A-V, SB.20-Z-A-VI, SB.20-Z-C-II, SB.20-Z-C-III, SB.20-Z-C-V e SB.20-Z-C-VI - Escala 1:100.000 - DSG - 1987,1987,1981,1979,1980 e 1980, atualizadas pelas imagens de satélite LANDSAT 5: 231/65, de 24/06/00; 231/66, de 06/08/99; 232/65, de 14/07/00 e 232/66, de 28/06/00.2 - Este memorial descritivo está referenciado ao Datum Horizontal SAD-69. Responsável. Técnico pela Identificação Limites: Elder Carlos Capellato Engº Agrimensor UNESCO/FUNAI CREA-SP 5.061.117.836/D - SP.



- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
 - POSTO INDÍGENA - CAMPO DE POUSO
 - ALDEIA INDÍGENA - MALOCA INDÍGENA
 - CAÇA - PESCA
 - COLETA - SERINGAL
 - RODOVIA PAVIMENTADA
 - RODOVIA NÃO PAV. PERMANENTE
 - RODOVIA NÃO PAV. PERIÓDICA - CAMINHO
 - RIO PERMANENTE - RIO INTERMITENTE
 - LAGO OU LAGOA - TERRENO SUJEITO À INUNDAÇÃO
 - PONTO DIGITALIZADO - DIREÇÃO DE CORRENTE
 - LIMITE MUNICIPAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF

DENOMINAÇÃO: TERRA INDÍGENA TENHARIM MARMELOS GLEBA - B		MAPA: DELIMITAÇÃO	
MUNICÍPIO: HUMAITÁ e MANICORÉ		SUPERFÍCIE APROXIMADA: 473.961 ha	PERÍMETRO APROXIMADO: 419 km
CIDADO: AMAZONAS		ESCALA: 1:800.000	DATA: 12/03/2003
RES. TEG. DEFINIÇÃO LIMITES: EDMUNDO ANTONIO PEGOION ANTROPÓLOGO		RES. TEG. IDENTIFICAÇÃO LIMITES: ELDER CARLOS CAPELLATO ENGº AGRIMENSOR CREA - 508117836/D-SP	PROGRESSO: VISTO CHEFE DO DEB: MANOEL FRANCISCO COLOMBO ENGº AGRIMENSOR CREA - 64.8800-SP
PORTARIA Nº: 176/PRES/2002			